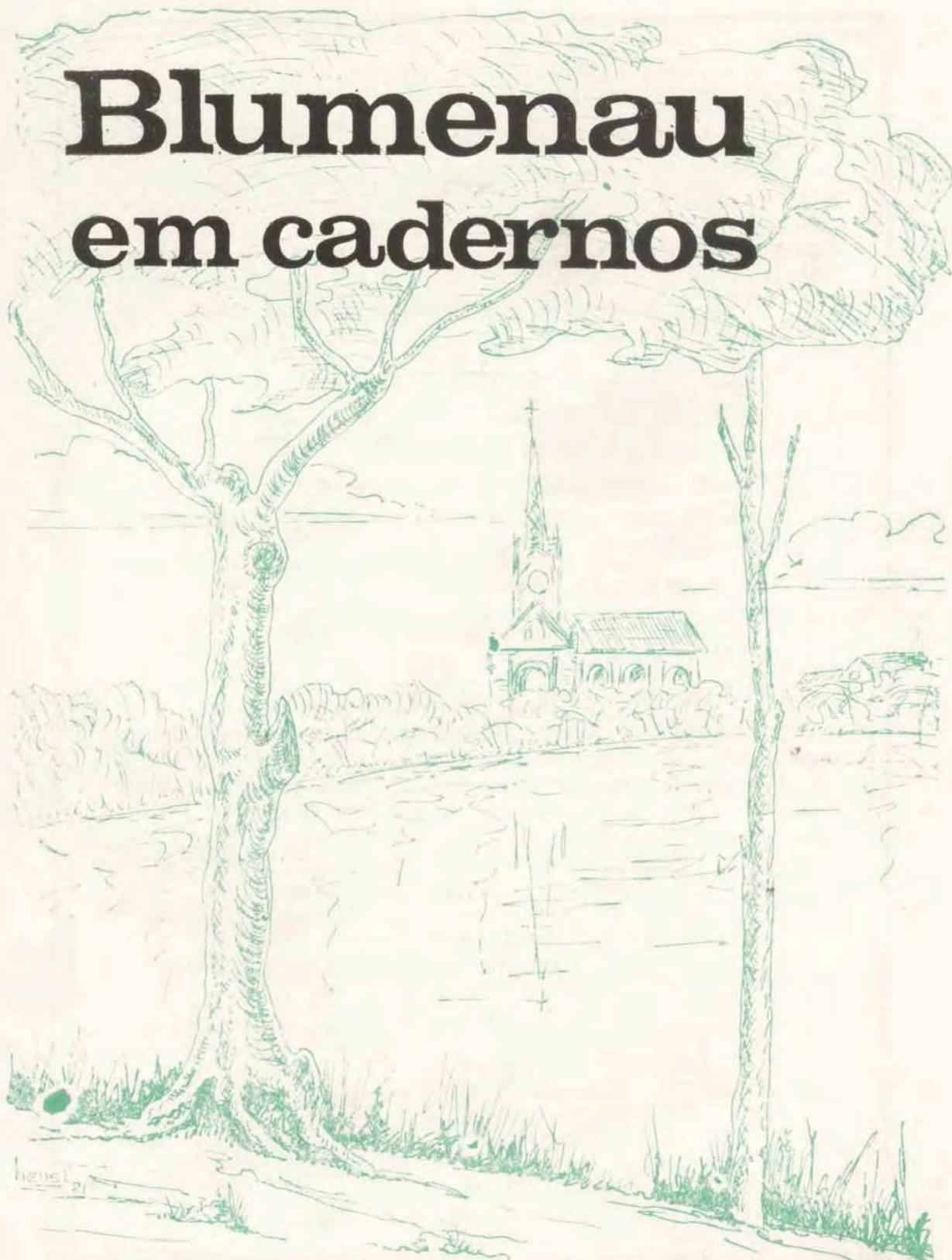


# Blumenau em cadernos



TOMO XXVIII/8

Agosto de 1987

Edição 368

ILUSTRAÇÃO  
RUBENS  
HEUSI - 81

## A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", editora desta revista, torna público o agradecimento às empresas abaixo relacionadas que, visando garantir a permanente regularidade das edições de "Blumenau em Cadernos", tomaram a si o encargo financeiro na restauração total das nossas oficinas gráficas que haviam sido parcialmente destruídas nas enchentes de julho de 1983:

TEKA - TECELAGEM KUEHNRIK S.A.  
COMPANHIA HERING  
COMPANHIA TEXTIL KARSTEN  
MAFISA — MALHARIA BLUMENAU S/A.  
CREMER S/A. — PRODUTOS TÊXTEIS E CIRÚRGICOS  
MAJU INDÚSTRIA TEXTIL LTDA.  
SUL FABRIL S/A.  
EMPRESA AUTO VIAÇÃO CATARINENSE  
LOJAS HERING  
COLABORADORES ESPONTANEOS

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" agradece aos abaixo relacionados que, espontaneamente, contribuíram com recursos financeiros para garantir a estocagem de papel necessário à impressão desta revista durante o corrente ano:

CASA WILLY SIEVERT S.A. Comercial  
TEKA - TECELAGEM KUEHNRIK S.A.  
GRÁFICA 43 S.A. INDÚSTRIA E COMÉRCIO  
DISTRIBUIDORA CATARINENSE DE TECIDOS S/A.  
MOELLMANN COMERCIAL S.A.  
TIPOGRAFIA E LIVRARIA BLUMENAUENSE S.A.  
BUSCHLE & LEPPER S.A.  
CIA. COMERCIAL SCHRADER  
JOÃO FELIX HAUER  
MADEIREIRA ODEBRECHT  
LINDNER, HERWIG SHIMIZU - ARQUITETOS  
MÓVEIS ROSSMARK S.A.  
ARTUR FOUQUET  
JOALHERIA E ÓTICA SCHWABE LTDA.  
PAUL FRITZ KUEHNRIK  
CASAS BUERGER

# BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXVIII/8

Agosto de 1987

Edição 368

## SUMÁRIO

Página

Eisneta do fundador vista Blumenau .....	234
Subsídios Históricos — Coorden. e Tradução: Rosa Herkenhoff .....	236
Blumenau do passado no livro de Gustav Stutzer .....	238
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio .....	247
São Joaquim e a poesia regionalista — José Gonçalves .....	250
Cartas .....	251
Arquivo Enriquecido — Discos da antiga PRC-4, doados à Fundação "Casa Dr Blumenau" .....	252
A Biblioteca agradece .....	252
Histórico da cidade de São Joaquim e os costumes de seu povo — Maria Batista Nercolini .....	253
Arquivo Histórico valiosa fonte de pesquisa .....	256
Figura do passado — José Gonçalves .....	257
A história de Blumenau na correspondência dos imigrantes .....	258
Mais contatos entre Wolfsburg e Blumenau .....	260
Aconteceu — Julho de 1987 .....	261
XX Encontro Estadual dos Maçons .....	264

## BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

*Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina*  
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. n.º 19

Assinatura por Tomo (12 números) Cz\$ 30,00 + 20,00 (porte) = 50,00

Número avulso Cz\$ 5,00 -- Atrasado Cz\$ 10,00

Ass. p/o exterior Cz\$ 100,00 mais o porte Cz\$ 20,00 total Cz\$ 120,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.015 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

## Bisneta do fundador visita Blumenau

Na primeira quinzena do mês de julho passado, chegou a Blumenau, acompanhada de sua mãe e do seu esposo a bisneta do Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau, fundador desta cidade. Jutta Blumenau Niesel veio com o objetivo de estreitar cada vez mais os laços de amizade entre seu país, a Alemanha Ocidental e, em especial, Berlim Ocidental e Blumenau. Já nos primeiros dias fez inúmeras visitas, especialmente ao Mausoléu em que se acham sepultados seu bisavô, esposa e filhos, assim como a Fundação "Casa Dr. Blumenau", aonde lhe foi exibido um filme super oito a cores, produzido em 1975, quando seu pai e sua mãe visitaram Blumenau e estiveram presentes, entre outros lugares, no grande baile das sociedades de atiradores na PROEB, como encerramento de mais um encontro anual. O filme fora produzido pelo sr. Alfredo Wilhelm, encomendado pelo Serviço de Relações Públicas da Prefeitura e hoje catalogado no Arquivo da Fundação.

No dia 14 do mesmo mês, Jutta Blumenau Niesel foi recebida oficialmente pelo prefeito Dalton dos Reis, ocasião em que, após haver sido saudada pelo chefe do Executivo, respondeu pronunciando, entre outras, as seguintes palavras:

Doze anos se passaram, quando visitamos pela última vez esta cidade. Como descendentes diretos do fundador desta cidade, a lembrança das festividades alusivas aos 125 anos de fundação da cidade de Blumenau inextinguível em nossa memória. Meu pai, neto do Dr. Blumenau, pronunciou nesta ocasião um dos discursos solenes. Hoje, ele não está mais entre nós. A sua esposa Gertrud, minha mãe, está hoje ao meu lado. Assim eu, bisneta do fundador desta cidade, me apresento hoje como a portadora da tradição da família e do nome de Blumenau. É o meu dever de corresponder com humildade e responsabilidade à esta pretensão.

Sempre me esforcei de aprofundar as relações entre Berlim (Ocidental) — a minha cidade natal e Blumenau, a cidade dos meus antepassados. Seguem aqui algumas provas do meu trabalho.

O mais conhecido distrito de minha cidade é o de "Berlin-Charlottenburg". É o distrito-central, no qual se localiza também a avenida mundialmente famosa — a "Kurfürstentamm". É em Charlottenburg, hoje com quase 200.000 habitantes, que se encontra a sede de minhas atividades profissionais. O Sr. Hans Prayon, Cônsul Honorário da República Federal da Alemanha em Blumenau, já há alguns anos manifestou o desejo de estabelecer um intercâmbio cultural e de amizade, respectivamente um parceria-mo de cidades — entre Charlottenburg e Blumenau. Em cons-

**SUL FABRIL** Um nome que todo o Brasil conhece porque é etiqueta das mais afamadas confecções em malhas de qualidade inconfundível e que enriquece o conceito do parque industrial blumenauense

tantes contatos com o "Bürgermeister" e grêmios da cidade, consegui — não a realização — encaminhar este projeto para a sua futura realização. O "Bürgermeister" de Berlin-Charlottenburg, por meu intermédio, transmite à V. Exa., e sua cidade, os seus melhores cumprimentos. Tenho a honra de entregar a V. Exa., DD. Prefeito de Blumenau, este livro: "100 Anos Kurfürstentamm", com uma dedicatória pessoal do "Bürgermeister" Baldur Ubbelohde.

Em Berlin-Charlottenburg existe a "sociedade parcerismo-entre-cidades", à base distrital. Também este grêmio me incumbiu com a transmissão de cumprimentos e a entrega de um presente. Esta sociedade, juntamente com a Câmara de Vereadores do distrito, decidem posteriormente sobre o estabelecimento do parcerismo entre as duas cidades. Para o dia de hoje fui encarregada de estabelecer laços de amizade por meio da transmissão de cumprimentos e da entrega de presentes em caráter oficial.

Um dos centros de pintura e escultura moderna é o Pavilhão Estadual de Arte de Berlin. Motivado pela passagem dos "750 anos de Berlin" este Pavilhão apresentou uma exposição representativa sob o nome de "Retrato Instantâneo". Esta exposição foi visitada no mês passado pelo Secretário de Turismo de Blumenau, Sr. Antônio Pedro Nunes, sua distinta esposa e pelo Secretário de Agricultura Dr. Renato Beduschi, por ocasião de sua visita a Berlin. Em negociação direta com o Professor Ruckhaberle, diretor do Pavilhão Estadual de Ar-

te, recebi do Professor a seguinte promessa: "Quase todas as peças desta exposição — tomando em consideração as excelentes possibilidades de exposição encontradas em Blumenau — poderão ser apresentadas nesta cidade nos meses de março/abril de 1988, por ocasião da exposição itinerante por diversas cidades do Brasil". O Presidente da Câmara de Vereadores de Berlin, Sr. Dr. Rebsch — aliás um sócio ativo do Clube de Caça e Tiro de Berlin — mostrou-se muito interessado em visitar a cidade de Blumenau por ocasião da exposição "Retrato Instantâneo de Berlin", e me encarregou de lhe entregar este presente.

Nós todos — minha mãe, meu esposo e eu — não chegamos aqui somente como portadores de mensagens e presentes oficiais. Do acervo particular do meu bisavô Dr. Hermann Blumenau, entregamos neste momento à Prefeitura de Blumenau estas duas peças.

a) — Uma argola de prata para guardanapos usada por meu bisavô, meu avô, meu pai e por mim até esta data. Num dos lados da argola a seguinte gravação: "Dr. Hermann Blumenau, 1871" e no outro lado as iniciais "H.B., 1909".

b) — Os velhos óculos que o meu bisavô usou durante os últimos anos de sua vida — os mesmos que aparecem também no seu último retrato.

Terminando — gostaria de entregar um presente pessoal meu: a música de uma Fanfarra — Esta fanfarra é uma composição minha, feita especialmente

para as festividades dos "750 anos de Berlim". Ela foi tocada como introdução para os mais diversos programas de TV, rádio e imprensa em geral, de Charlottenburg.

O original desta composição ofereço à cidade de Blumenau, na esperança, que com o soar deste tema musical, serão lembrados para sempre os laços de amizade

que unem Berlin-Charlottenburg e Blumenau.

**Jutta Blumenau-Niesel**  
Blumenau, 14 de julho de 1987."

O retorno da bisneta do Dr. Blumenau à Alemanha deu-se nos últimos dias de julho, após despedir-se dos inúmeros amigos que a acolheram em Blumenau com a maior simpatia.

---

## Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Excertos do "Kolonie-Zeitung" (Jornal da Colônia), publicado na Colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1862.

### Notícia de 23 de dezembro de 1865:

Dona Francisca. — As terras prometidas pelo Governo, a serem doadas aos voluntários depois do término da Guerra do Paraguai, devem ser escolhidas na Província do Pará — portanto na zona tropical, 1 a 6° latitude sul. O Presidente do Pará recebeu a incumbência do Ministro da Agricultura, de mandar medir, para esse fim, áreas nas margens dos rios Tocantins e Araguaia. Seria um erro grave, se as terras designadas não se localizassem em outras províncias. Para os voluntários das províncias do Sul, sobretudo para os voluntários alemães, aqui já radicados, de nada serviria um lote de 15 morgos (1) na província do Pará. Tal lote, para eles, não teria mais valor do que uma área situada na lua. Seria de direito, de justiça mesmo, que as terras prometidas fossem escolhidas nas províncias do Sul, se possível nas proximidades das colônias. Por exemplo, os voluntários de Blumenau deveriam receber lotes das terras pertencentes ao Governo, nas proximidades de Blumenau, os voluntários de Dona Francisca devem receber lotes das terras do Governo, situadas na margem direita do Itapocu ou no traçado da estrada da Serra. Do mesmo modo, também todos os outros voluntários deveriam ser recompensados assim. Isto seria razoável e justo, e só deste modo poderá o Governo provar que tem o firme propósito de dar aos voluntários aquilo que lhes foi prometido.

### Notícia de 17 de fevereiro de 1865:

Blumenau — Estatística da Colônia Blumenau do ano de 1865: Situação geográfica do centro — Latitude sul 28° 53' 16,5" — longitude ocidental 49° 9' 15". — A Colônia foi fundada no ano de 1852 e desde 1860 se encontra sob a administração do Governo do País.

Acham-se cultivados cerca de 21.184,680 metros quadrados, enquanto existem a cultivar mais de 50 milhas quadradas. Funcionários: O Diretor, um guarda-livros, um agrimensor, um fiscal, um médico, um pastor protestante, um professor e uma professora. Os colonos católicos recebem assistência do vigário da Freguesia São Pedro Apóstolo. Além disso, há quatro escolas mantidas pelos colonos. Existem caminhos carroçáveis num total de 42.020 metros, bons caminhos para cavaleiros, 134.500 metros. O total de habitantes é de 2.625, sendo 1.356 do sexo masculino e 1.269 do sexo feminino, somente 154 mais do que no ano passado. Nascimentos: 88 e falecimentos 25. A Colônia possui 6 casas de recepção para imigrantes em diversos locais, além de vários pequenos galpões; dois edifícios escolares, uma casa para o pastor e uma cadeia pública. Existem seis cemitérios. A construção de duas igrejas, uma protestante e uma católica, foi iniciada com a licença do Governo Imperial. Existem na Colônia 208 casas de moradia, 18 em construção sendo ao todo 662 fogos.

Produção: 5.776 arrobas de açúcar, 560 de tabaco, 212 de café, 246 de araruta, 650 de manteiga, 860 de queijo, 32 de algodão, 123.500 molhos de milho, 15.800 medidas de cachaça, 5.706 alqueires (2) de farinha-de-mandioca, 2.846 de feijão e 510 de arroz. Existem 56 engenhos de açúcar, entre os quais 3 de ferro, 61 alambiques, 47 engenhos de farinha, 34 carroças de quatro rodas e 12 arados. Animais: 274 cavalos, 1.359 cabeças-de-gado, 131 ovelhas, 72 cabras, 3.426 porcos e cerca de 28.000 aves (galinhas etc.). O gado, em parte, é de raça especial holandesa.

A exportação consta, principalmente, de madeiras trabalhadas, açúcar, cachaça, charutos, vinagre, fubá, araruta, batatas, manteiga, queijo, aves e tijolos. Existem cinco olarias, duas cerâmicas, três cervejarias, quatro fábricas de vinagre, dez de charutos, duas padarias, oito serrarias e cinco moinhos. No ano passado foram fornecidos: 3.500 dúzias de tábuas e pranchões, 110.000 telhas, 100.000 tijolos e 550.000 charutos. Valor das tábuas: 24 Contos de Réis. Foram importados: miudezas, sal, ferramentas, couro, pequena quantidade de carne seca e de farinha-de-mandioca, sabão etc; na importância de 40 a 50 Contos de Réis. A exportação foi de cerca de 30 Contos de Réis.

Nota da Tradutora: (1) Um morgo colonial compreende 500 braças quadradas. (2) Alqueires, antiga medida de cereais, correspondente mais ou menos a 13 litros.

A coleção completa do "Kolonie-Zeitung" faz parte do acervo do Arquivo Histórico de Joinville.

**CREMER** Produtos têxteis e cirúrgicos. Conserva através dos anos o conceito de qualidade superior no que fabrica, garantindo com isso um permanente mercado absorvente nas Américas e noutros continentes, levando em suas etiquetas o nome de Blumenau.

# Blumenau do passado no livro de Gustav Stutzer

(Tradução do livro: "In Deutschland und Brasilien Lebenserinnerungen" (Na Alemanha e Brasil recordações) 20.<sup>a</sup> edição — Editora Helmuth Wollermann — Braunschweig 1930. Transcrição da 2.<sup>a</sup> parte do livro que se refere à época no Brasil 1885 — 1887.)

## A VIAGEM DE IDA

Partimos de Hamburgo a 5 de agosto de 1885. A viagem pelo mar do norte foi tempestuosa. Eu pessoalmente não a recordo pois dormi dia e noite. Riam de mim, pois dormira por duas vezes 24 horas. Pode ser. Enfim acordei descansado e disposto, nada senti de enjões como senti minha esposa. Ela sim, estava bem indisposta. Quando a pequena Eva, na travessia do Golfo de Biscaia, rolou duas vezes do beliche, minha esposa murmurou desesperada: "— Por mim o navio pode afundar".

Na costa espanhola as águas ficaram mais calmas e a viagem prosseguiu tranqüila.

Em Lisboa gostamos da Torre no Tajo, imponente em seus arabescos árabes. Fui à agência marítima onde fui muito bem atendido, mas em péssimo alemão. O pedido para falar inglês rejeitei, pois numa agência alemã eu queria ser atendido no meu idioma. Logo fui recebido pelo gerente que aprovou a minha decisão de querer ser atendido em alemão. Um professor alemão que eu quis visitar em Lisboa não o encontrei em casa. Fui ao correio e como desconhecia o idioma do país, perguntei em francês por correspondência para mim. O encarregado da agência, em alemão fluente, respondeu que há dias já ali se achavam inúmeras cartas para mim. Mais outra experiência tive em Lisboa. Falei com o religioso inglês. Este senhor me recebeu com a distinção própria dos ingleses; estava exatamente despedindo um jovem e ao virar-se para mim, depois de cumprimentar-me, falou:

— Estou aqui há apenas quatro meses e este foi o décimo jovem que

veio procurar-me pedindo conselhos e emprego. Assim chego a conhecê-los todos, pois, como é nosso hábito, todos freqüentam a Igreja e muitas vezes reúnem-se em minha casa à noite, onde fazemos música e alguns jogos sociais.

Assim tive em Lisboa uma boa impressão da Igreja inglesa a sua influência sobre os jovens, tornando-se o ponto central da vida na comunidade.

Partimos de Lisboa com mar calmo para enfrentar mais uma semana em alto mar. Certo dia, quando estávamos almoçando, o comandante disse:

— Hoje à tarde poderão ver terra firme!

Surpresa geral. Em duas horas passamos o Rochedo de São Paulo, um enorme rochedo solitário no oceano. Ninguém pode pisar o recife. É somente ponto de repouso para os pássaros migratórios que ali descansam em sua longa viagem.

Entre os passageiros encontrava-se uma senhora do Rio que juntou-se a nós e começou a ensinar algumas expressões em Português como "Bom-dia", "Boa-noite" ou "como vai". Dois dias após passarmos o Rochedo São Paulo, nos aproximamos de Fernando de Noronha. Passamos tão próximos que vimos casas e alguns campos. Um dia mais tarde avistamos a costa do Brasil, uma vista maravilhosa. Ali estávamos agora na Bahia de Todos os Santos. No porto se via navios de todas as nacionalidades. A cidade, bem grande, possuía 4 igrejas, enormes palacetes e modernas casas de campo. Ficamos surpresos com tantos cartazes em língua alemã. Eram firmas ali estabelecidas. Subimos com o elevador os 70 metros para a cidade alta e admiramos pela primeira vez a abundante vegetação tropical.

Continuamos a navegar pela costa e depois de três dias chegamos ao Rio de Janeiro. O fantástico encanto deste porto é difícil descrever. E realmente uma beleza deslumbrante. Tivemos um dia todo para visitar a cidade e fomos ao Jardim Botânico. Neste passeio tivemos a oportunidade de ver o Imperador que passou por nós numa

carruagem. No dia seguinte continuamos nossa viagem e após 40 horas aportamos em São Francisco, na Província de Santa Catarina. Ali tivemos que deixar nosso navio e esperar um navio costeiro que nos levaria para Itajaí, o porto da Colônia. Quando pisamos em terra firme ficamos horrorizados com a imundície nas ruas, o mau-cheiro no cais, muitas casas sem portas, janelas, telhados. Enormes bandos de urubus infestavam o porto à procura de restos de peixe e nos quintais os restos de comida. Depois chegamos ao chamado "Hotel" onde tudo era sujeira e cheirava mal. Ali não teríamos bebido nem comido nada tão enjoados que estávamos. Procuramos então uma padaria que pertencia a um alemão que nos indicou as bananas, que comemos com apetite, tomamos ovos crus e ele até nos ofereceu café. À noite nos enrolamos em nossos cobertores de viagem e casacos, usando as malas como travessieiros e nos deitamos nas camas de vento.

O navio costeiro deveria chegar no dia seguinte mas não veio. "Paciência" é a palavra mais usada dos brasileiros. Mas outro dia lá estávamos felizes no pequeno navio e depois de dois dias chegamos a Itajaí, onde ficamos hospedados num hotelzinho alemão. O senhor Asseburg já tinha preparado tudo. Na manhã seguinte, seguimos com um pequeno vapor rio acima para Blumenau. A vegetação na margem do rio é tropical. Depois de uma curva fechada num estridente apito e ali desfaldava-se à nossa frente a meta final de nossa longa viagem, a cidade de Blumenau.

#### **Esboços da Colônia Blumenau: Minha primeira impressão**

Meu irmão tinha providenciado acomodações provisórias num Hotel para nós. Ele e sua esposa Rosinha nos cercaram de todo carinho. Na mesma tarde meu irmão apresentou-me à pessoa credenciada do Dr. Blumenau e ao cônsul alemão. Nesta ocasião conheci algumas ruas completamente abandonadas da cidade.

Bonita era a rua das Palmeiras, uma vistosa prefeitura, imponente a igreja católica e modesta, mas bonita, a igreja evangélica. Insignificante era

a Escola e paisagística a casa dos Atiradores.

Vista pelo aspecto de paisagem a localização da cidade é bonita. O largo rio que banha o centro e sobre o Garcia uma sólida ponte.

Quando perguntei a meu irmão porque esta ponte fora construída tão alta ele chamou-me a atenção para as marcas de nível das águas em enchentes passadas. O centro da cidade tem o lugar menos apropriado em toda a Colônia, mas não foi possível convencer o Dr. Blumenau para localizá-la cinco quilômetros mais acima do rio em lugar seguro. Quando perguntei a razão ele me disse que ali era o centro de interesses do Dr. Blumenau e onde ficavam suas propriedades particulares. Não lhe contei nada das reclamações do Senhor Asseburg sobre os negócios que estavam péssimos. Eu pessoalmente queria verificar tudo. No dia seguinte aluguei um cavalo para visitar a redondeza. Partimos de manhã bem cedo; eu vi ao longo do caminho bonitas casas e apesar da hora matinal, muitas pessoas já estavam trabalhando.

Meu irmão então mostrou-me uma floresta e indicou-me a região da Velha em que agora eu possuía cerca de 6.000 morgen. Para conhecer a área eu teria que mandar construir primeiro estradas, ou melhor dizendo, abrir picadas. Estranhei este fato porque recebera do Dr. Blumenau um mapa bem elaborado onde estava assinalada uma estrada já pronta de oito quilômetros, com muitas curvas e pequenas estradas transversais. Reconheci então que era um esboço, nunca submetido a uma medição. A estrada que percorríamos tornava-se sempre mais movimentada, com muitas pessoas e carroças carregadas com sacos de milho, madeira etc...

Muitos homens usavam coloridos tamancos e as mulheres quase todas descalças. Perguntei admirado porque via tantas pessoas a cavalo e tão poucas a pé. Meu irmão explicou que as distâncias eram muito grandes para percorrer e a cavalo facilitava as viagens até o centro da cidade.

Meu irmão que já vivia aqui há trinta anos, conhecia a todos e era jovialmente cumprimentado. A maioria eram alemães do norte e bem poucos do sul. Na volta encontramos um senhor brasileiro que pouco falava o

alemão e identificou-se como sendo médico. Continuamos a viagem e passamos por muitas plantações de milho, cana-de-açúcar e fumo, e por fim chegamos a Indaial onde fomos recebidos pelo farmacêutico de lá, filho de um pastor de Braunnshweig. Visitamos a igreja e a escola e recebemos um saboroso almoço na hospedaria.

Mais tarde, com a balsa, atravessamos o rio para a outra margem e continuamos sempre por estradas coloniais e à noite estávamos novamente em casa, muito cansados mas felizes.

### Meus preparativos

Agora chegara o momento de conhecer minhas terras. Primeiro o "Aipimberg". Contratei um homem que abriu uma picada para mim limpando o caminho para que não fosse surpreendido por uma cobra.

Admirei logo na entrada os encremes bambus de quase 15 metros de altura e que foram plantados há trinta anos passados. No dia seguinte, com o mesmo peão, iniciei o reconhecimento da região da Velha. Primeiro passamos um mato de taquaras depois córregos e pântano para finalmente chegar à floresta. O sol estava bem alto quando deparamos com um bando de monos nas árvores junto ao ribeirão. Ali mesmo descansamos e comemos as fatias de pão e toucinho que trouxemos como merenda. Antes do anoitecer saímos outra vez da floresta e regressamos para casa.

Ali estava meu grande trabalho. Era preciso construir uma estrada através da Floresta e lotear as terras ao longo dela. Meu irmão, prático neste assunto, se ofereceu juntamente com o simpático engenheiro Krohberger para iniciar a medição de uma estrada de cerca de 7 a 8 km. Foi um trabalho deveras difícil, cada árvore derrubada tinha que ser retirada com todas as raízes. Em resposta a um anúncio publicado nos dois jornais de Blumenau, apresentaram-se mais ou menos 80 homens, todos vindos do interior, os quais tinham dado o nome de seu lugar de origem como Ilse, Selke, Bode e Warnow. Fiquei assustado com o grande número de homens que preferiram ganhar pago a dinheiro do que trabalhar a sua terra. Não era bom sinal. Meu irmão tranqüilizou-me, mas concordou que mais uma

vez passávamos uma séria crise.

Portanto, o lema era trabalhar e não desistir. Escolhi 20 entre os homens que achei bastante fortes para abrir o caminho delineado pelo Engenheiro. Os homens prepararam sua cabana coberta de folhas de palmeiras e ali instalaram-se. O trabalho era pesado e das 11 horas até 13 horas almoçavam e descansavam. O almoço era feijão, carne de porco ou carne seca e um café bem doce como sobremesa. Às 6 horas da tarde, fim de trabalho, jantar e descanso.

Aos domingos não se trabalhava. Muitos dos homens iam à cidade ou à igreja. Naturalmente eu diariamente inspecionava a cavalo os trabalhos que iniciamos em outubro de 1885 e terminamos em março de 1886. Na mesma ocasião mandei abrir em três lugares roças, cada uma com 10 morgen e preparar a terra para o plantio. Foi plantado feijão, batatas, aipim e milho.

A minha vida familiar decorria tranqüila. Já morávamos agora em nossa casa própria. Aos domingos íamos à igreja e à tarde, muitas vezes, se reuniam em grupos de senhores para discutir os planos de colonização, entre eles o meu irmão e seu cunhado Emil Odebrecht, o Cônsul, um comerciante e dois ou três colonos que conheciam bem a vida na Colônia. Sentados na varanda de nossa casa, saboreando um bom café e charuto, discutíamos os planos. Muito apreciava a presença do tranqüilo e de poucas palavras Emil Odebrecht. Ele abandonara há cerca de trinta anos passados a Europa depois de terminado seus estudos técnicos. Trabalhou primeiro como engenheiro nas estradas e pontes, mediu e desenhou a costa, construiu a linha telegráfica, tornou-se inspetor da mesma e há 20 anos antes de nos conhecermos, recebeu a incumbência do Governo do Rio de Janeiro para demarcar e fixar os limites do Brasil e da Argentina. Em certa ocasião lhe pedi esclarecimentos sobre alguns nomes, como por exemplo o nome Itajaí e eis o que ele me disse: **ITA** significa pedra, **JÁ** quer dizer junto a e **HY**: águas claras.

As observações de Odebrecht sobre os indígenas foram interessantes e conferem com as pesquisas do estudioso Karl von den Steinen que em 1887 e 1888 percorreu o Brasil Central, e publicou suas observações sob o título

"Unter den Naturvoelkern Zentral-Bra-siliens" (Entre os povos primitivos do Brasil-Central).

### Nuvens

Na Alemanha é difícil imaginar a que oscilação está sujeito o mercado dos produtos da colônia no Vale do Itajaí. Não existe maior lugar de consumo, isto é, o mais necessário para o pequeno lavrador. Enquanto as correntes de imigrantes, depois da fundação vinham em grande número para o vale e eram mantidos pelo Governo substituídas sempre por novos elementos humanos que consumiam muito e nada produziam os colonos já estabelecidos só a muito custo conseguiram produzir o suficiente. Os consumidores viviam em seu meio. Os preços eram altos e os meios de transporte precários. Eram os anos de ouro da Colônia, como o Sr. von Tschudi descreveu tão brilhantemente. O fluxo imigratório então parou, assim também a contribuição milionária do governo. Os antes consumidores tornaram-se produtores. Os estoques aumentaram, e a única solução e salvação era a exportação.

Mas nada estava preparado para isto. As rochas em Belchior impediam o tráfego fluvial. O soberbo rio ainda não tinha vapor. Em barcaças a remo, os produtos tinham que ser transportados ao Porto de Itajaí. Era difícil com a água baixa e perigoso com a enchente. Mas mesmo assim esta miséria foi transposta, mesmo porque nos grandes portos de Santos e Rio de Janeiro a concorrência de outros lugares faltava. Os colonos lucravam menos que antes mas ganhavam bem. Era melhor assim que antes, quando as mulheres na cidade vestiam-se com seda e veludo e os homens de preferência bebiam cerveja alemã. Fazer negócios não era mais tão fácil, porém sólido.

Assim encontramos a situação até 1885, quando chegamos. Naquela ocasião o senhor Asseburg já nos disse que vislumbrava nuvens negras no céu econômico.

O norte tivera uma farta colheita de feijão e não necessitava do auxílio das colônias. A Argentina começara uma grande cultura e transportava grande quantidade de milho a preços módicos para Santos e Rio de Janeiro. Manteiga e banha, devido a péssima fabricação, perderam o seu mercado para Minas Gerais, e a importação da Dinamarca. O fumo, mal tratado, não suportava a concorrência com a Bahia. Assim, vinha um golpe atrás do outro. O que fariam? O consumo no próprio local não existia e a comercialização com o exterior paralisou e toda possibilidade de concorrência acabou. Aqui um agente recolhe a mercadoria, acomoda sacos e barris no pequeno Vapor que circula no Rio Itajaí duas vezes por semana, transporta tudo para a cidade portuária de Itajaí, onde entrega a mercadoria aos comerciantes que a estocam em armazéns e despacham para Santos e Rio, quando aparecem os compradores. O frete destes vapores é tão alto que sai mais barato enviar um saco de café de Santos para Hamburgo, do que dois dias de viagem de Itajaí para Santos!

Todos os intermediários querem ganhar. O que sobra para os colonos? Muitas vezes nem os gastos pelas sementes e sacos de embalagem. Os colonos que tinham dinheiro o retinham receosos e com razão. O fim da crise não podia ser previsto. E realmente perdurou por muitos anos.

Assim realizava-se a palavra do Dr. Blumenau quando disse para mim que vendia as terras por uma "bagatela". Mas não lhe cabe a culpa. Foi muito difícil para mim porém ainda não o pior. Nuvens bem mais escuras toldariam em breve meu trabalho.

### Dois homens e duas opiniões

Logo depois de nossa chegada à Colônia Blumenau, notei um senhor que toda manhã às 9 horas, com passos lentos e largos, cruzava o centro da cidade. Não olhava para a direita nem para a esquerda, e nem aos cumprimentos dos passantes respondia. Sua aparência era tão estranha como o seu comportamento.

Descalço, e de sandálias, seu cor-

### MAJU

Pela alta qualidade das confecções em malhas que produz, tornou-se uma empresa de vanguarda nas exportações e no mercado brasileiro, e orgulho da indústria têxtil blumenauense.

po magro e alto vestindo calças brancas de sarja, que era amarrada na cintura com um cinto preto, e ali pendurado um facão. O peito, semi-coberto com uma larga camisa branca e a cabeça era coberta por um chapéu de palha. Uma comprida bengala acompanhava seus passos compassados. Toda a figura dava a impressão de um autômato. No entanto, a lata verde coletora que levava nas costas, fazia saber que tratava-se de um colecionador. Mas certamente uma figura original.

Pedi informações sobre esta pessoa estranha e me disseram que tratava-se de um valioso colaborador de Darwin. Este era mesmo Fritz Müller considerado com suas obras, "o mais sincero e ativo colecionador e pesquisador de insetos" e que Darwin e toda a ciência natural lhe eram gratos.

Eis portanto um homem original famoso. Disseram-me que não importava-se com ninguém e não era acessível a nenhuma pessoa. Eu consegui ser recebido em seu gabinete de trabalho.

Estava sentado em frente a uma grande mesa pintada de branco, examinando insetos e jogando-os em vidros com álcool. Depois de um rápido olhar em minha direção, mostrou-me uma cadeira à sua frente e, resmungando, disse que teria que terminar primeiro o trabalho porque encontrara alguns espécimes raros.

Encontrei tempo suficiente para estudar sua cabeça. Uma larga testa o fazia parecer menor; o bigode e a barba não conseguiam esconder a larga boca. Os olhos pequenos no exame dos insetos eram quase cerrados. À minha frente encontrava-se uma personalidade repulsiva. Com um olhar pesquisador virou-se para mim e perguntou:

— Não ficou com medo em vir aqui?

— Por que medo? Teria sido melhor ter medo de Dr. Blumenau e ficar na Alemanha!

— Eu sei que o senhor é um ortodoxo e a estes odeio.

— É eu sei, que o senhor é um famoso naturalista, cujas pesquisas eu muito admiro, mas os resultados dessas divagações filosóficas, não têm nenhum valor.

— Não perca tempo em querer me

converter. — respondeu asperamente — Não acredito no que o senhor chama de Deus; também o espírito é apenas uma função do cérebro. O que o senhor chama de pecado é apenas imaginação e superstição. Não preciso de nenhum salvador. Eu digo com Voltaire: "crasez l'infame". Tudo é matéria. Os religiosos são os maiores inimigos da humanidade!

Mas todas as observações vazias não causaram nenhuma impressão. Eu levantei-me e ao me despedir, disse:

— O senhor então passa Lem além de Darwin que é amigo e favorece as missões cristãs.

— Todas remunscências de sua educação inglesa.

— Eu apenas tive o desejo de conhecer o homem mais famoso da Colônia.

Com estas palavras completei minha despedida. Suas filhas, um pouco mais tarde, passaram para a religião católica.

Nossa residência ficava nas imediações da Igreja Católica. Certa noite estávamos sentados todos juntos na varanda e a luz de uma lâmpada conversando e a governanta lendo para as crianças. Foi então que depois de uma batida forte no portão entrou em trajes de trabalho o religioso da igreja católica, Padre Jacobs.

— Me permitam meus caros que eu me deleite em mirar este quadro de tranquilidade familiar alemã e que me apresente.

De vista já o conhecíamos e também já lhe fizera uma visita mas não o encontrara.

Com a segurança de um homem culto e familiarizado com a etiqueta ele cumprimentou primeiro a dona da casa com um firme aperto de mão e algumas gentis palavras.

Pedi desculpas por se apresentar a esta hora da noite, mas como nos vira da escadaria da igreja e sentira-se solitário, resolveu fazer esta visita porque nos vira sentados na varanda.

O tom de sua voz era suave, porém másculo; a boca acentuadamente pequena, o queixo saliente e enérgico, os olhos grandes e escuros. Os traços fisionômicos lisos revelavam muitas reflexões e lutas travadas.

Minha esposa, tocada pela aparência e comportamento do inesperado vi-

sitante, respondera amavelmente oferecendo uma boa vizinhança. Falamos sobre muitos temas e como é natural também sobre religião. Disse entre outro que considerava-se um simples padre entre os milhares.

— Eu compreendo que o senhor quer evitar que no nosso primeiro encontro não hajam questões religiosas mais profundas e que apenas quer ouvir o visitante.

— Realmente Padre, mas também não nego que fiquei curioso em saber mais de sua vida. Soubemos que o senhor é jesuíta.

— Sim — respondeu —, vanglorio-me em pertencer à "Sociedade Jesus" — disse com voz firme. Sou um destes que foi tingido na pele inteira e um convicto total das obrigações de nossa Ordem.

Aluno do Colégio de Jesuitas em Roma, depois professor dos direitos canônicos, fui designado como Educador dos filhos do Conde de Montpellier. Sete anos vivi como tal em Paris e região campestre, acompanhei meus alunos em viagens pela Europa, conheci todas as casas da nobreza católica. Regressei depois a Roma onde recebi a recompensa e a ordem de seguir para a América do Norte como dirigente de nossa missão. Cerca de dez anos permaneci lá. Nossa obrigação era abafar uma forte propaganda protestante. Não o escondo perante o senhor. O mais forte antagonista encontrado foi a igreja luterana. Para reforçar o espírito combativo de meus irmãos, eu lia e debatia com eles as escrituras e livros de nossos oponentes para assim encontrar melhores armas para seu combate. Mas estas discussões sobre o ensino protestante foi minha perdição. Não o ensino propriamente dito, mas sim, os motivos históricos dos protestantes contra a sucessão de Petri e contra o domínio dos papas. — A voz do nosso visitante tornava-se mais baixa.

— Logo fui chamado a Roma, eu me retratei, não fui repreendido, mas recebi ordem para seguir para cá. Eu sabia o que isto significava. O exílio! Certamente minha presença incomodava outros. Hoje apenas sei onde serei enterrado, mas um inimigo ainda me acompanha: a solidão. Na hora em que ingressei na Ordem, perdi o pai, a mãe, dois irmãos e uma irmã. Será

que ainda vivem? Eu jurei não os conhecer mais. Assim não tenho família nem pátria.

Foi quando ergueu a cabeça e agradeceu a nossa compreensão em ouvir em silêncio neste desabafo. E logo se despediu com novos votos de boa vizinhança.

Ficamos impressionados com tudo que ele nos contou. Nossa amizade com padre Jacobs perdurou até nossa volta à Alemanha. Quando deixamos Blumenau presenteei o Padre com uma caixa de livros.

Agora há muito já descansa em paz. Dois homens e duas opiniões diferentes à margem da floresta virgem do Brasil.

### Maus tempos

Iniciando este capítulo triste e cheio de decepções quero ser breve, mas preciso. Que eu tive toda e total confiança no Dr. Blumenau, já mencionei. Os únicos que podiam aconselhar-me cautela não o fizeram.

Mas porque eu, depois de assinar o contrato, não fui sozinho para o sul do Brasil verificar tudo pessoalmente, isto continua sendo um erro imperdoável. Porque tive que levar toda a família, são desígnios do destino. Mas mesmo assim, fomos atingidos pela sorte, pois quatro de nossos filhos encontraram aqui a felicidade. Como tudo aconteceu, logo veremos.

Não culpo o Dr. Blumenau de ter vendido suas terras caras demais. Cada um pode avaliar sua propriedade como bem quiser. No entanto, o comissário de terras do Império, na avaliação judicial das terras e com mais dois entendidos credenciados, constatou que o valor real não chegava a quarta parte do que se havia pago. Os pontos referentes a este fato encontram-se nas atas e reconhecido pelo Cônsul da Alemanha.

Também ainda não culpo o Dr. Blumenau que na revenda das terras para a colonização (e nisso baseava-se o artigo) declarava tanto por escrito e verbal que o preço era uma bagatela. Talvez em Braunnschweig ele não estivesse tão bem informado, que o comércio e a mudança no Vale do Itajai estivesse atravessando uma crise antes nunca vista. Mas são as reais causas desta crise? Nem autoridades da Co-

lônia ou outras pessoas duvidavam que as terras pertenciam realmente ao Dr. Blumenau. Recebi de seu representante uma caixa de lata cheia de chamadas escrituras. Um exame feito constatou-se sua verdade.

Eram concessões do Governo do ano de 1850 e confirmadas em 1859. Realizei grandes e dispendiosos trabalhos de medição e trabalhos de estradas e fixei os preços para cada lote dos 650 que mandara medir. Apesar da grande crise econômica apresentaram-se alguns compradores. Mas quando os contratos deviam sofrer aprovação judicial e apresentamos os papéis de terras às autoridades, estas declararam mesmo para seu próprio espanto que não eram papéis de propriedade, mas sim concessões do governo para mais ou menos 1.000 alqueires que foram entregues ao Dr. Blumenau gratuitamente. Pertenciam a ele mas não podia revendê-las sem obter o título de propriedade pelo judiciário, e eu muito menos podia vendê-las. Desesperado perguntei o que devia fazer. Responderam que o pedido de legalização das terras deveria partir do próprio Dr. Blumenau. Caso o Dr. tenha o real título de proprietário nas mãos ele pode passá-lo ao senhor, mas o preço que levará tempo até que tudo esteja resolvido, e a medição feita por agrimensores credenciados pelo Governo. O senhor no entanto, caso receba o título, terá que pagar oito por cento (8%) da soma da compra, o chamado "SISA", ao governo estadual e municipal.

Escrevi imediatamente ao Dr. Blumenau, e assim também o fez seu procurador. Mostramos a ele um caminho fácil a seguir para evitar quaisquer dificuldades. Lembrei-lhe que como Diretor da Colônia vendera mais de 100.000 morgen de terras do Governo a diversos colonos e que deveria estar a par das determinações. Ele negou todos os pedidos escritos ou telegráficos. Vendera as terras para mim e de mais nada queria saber.

Bastante constrangido, eu me vi na necessidade de entrar com um pro-

cesso contra ele. A acusação era "ludibriar a realidade" e "fraude".

O processo passou por todas as instâncias e o parecer a meu favor e a última e maior instância em Porto Alegre também foi favorável e confirmou a sentença.

A justiça estava totalmente do meu lado. Mas na posse da terra não cheguei. Meu contrato não tinha validade. Uma indenização também não recebi, nem mesmo para os altos custos jurídicos, porque o local de resolver o contrato não era o Brasil, mas sim Braunschweig. Silêncio sobre a amargura.

Mas as preocupações não terminaram. As notícias que recebia de "Theresienhof", minha propriedade na Alemanha, eram desoladoras. Meus pais escreveram cartas desoladoras e alarmantes. Ambos os lugares "Theresienhof e a Colônia" deveriam funcionar em conjunto e ambas foram uma completa frustração.

Não havia outra solução. Eu teria que procurar meus direitos na Alemanha e ao mesmo tempo tentar salvar o "Theresienhof" (Fazenda Tereza). Preparamos a partida.

Houve um leilão. Minha esposa entregou e se desfez de tudo, até o mínimo necessário para a viagem. Bons amigos acompanharam-nos no longo trecho Rio abaixo, junto ao pequeno Vapor. A 24 de janeiro de 1887 chegamos à Alemanha. O inverno era rigoroso e muito sentimos a falta do calor e sol brasileiro.

### Na Alemanha 1887

Dois dias depois segui para Berlim. Principalmente queria saber como deveria me posicionar perante o Dr. Blumenau.

O advogado Hentig, em Berlim, que nos círculos coloniais tinha grande fama de conhecedor profundo das condições jurídicas de além-mar, me recebeu amavelmente e ouviu meus problemas por mais de meia hora. Disse este senhor igualmente que eu errara muito em confiar tão cegamen-

**MAFISA** Uma etiqueta facilmente encontrada em todo o comércio brasileiro. O aprimoramento constante do que produz, tornou MAFISA tão obrigatório o uso dos seus produtos quanto o desejo dos brasileiros de conhecer Blumenau e seu povo.

ta no Dr. Blumenau, mas garantiu que sairia vitorioso na luta inevitável. Pediu que lhe enviasse todos os papéis para que pudesse estudá-los, se o processo fosse em Berlim, seria meu advogado, mas como teria que ser em Braunschweig só podia ser meu conselheiro. Nem 14 dias passados recebi os papéis de volta com as perspectivas para mim que eram boas; a exigência da anulação do contrato justificado e a indenização exigida, modesta. Eu me senti livre de um grande peso. Para quatro anos ganhei fores.

### A decadência de "Theresienhof"

Era bem mais grave do que escrevera meu pai nas cartas. Assumi novamente a direção. Novas obrigações esperavam por mim. Foi nesta época que escrevi um livro relativo a minha disputa com o Dr. Blumenau, sob o título "Das Itajaítal und das Municipium Blumenau" (O Vale do Itajaí e o Município de Blumenau).

No dia 10 de agosto de 1887 recebi uma carta do Prof. de Economia Nacional da Universidade de Leipzig, Dr. Ernest Hasse, também presidente da Sociedade Colonial (Kolonialvereins) para uma reunião da Diretoria. Atendi ao convite. Estiveram presentes altas autoridades. Oito dias após a reunião recebi uma carta de agradecimento e inesperadamente com generosa oferta financeira a incumbência de em nome da Sociedade voltar ao Sul do Brasil para estudar a possibilidade de aqui encontrar terras para uma colonização. Caso fossem realmente encontradas estas terras receberia as respectivas procurações para efetivar as compras; eu teria livre ação para agir.

Depois de todas as críticas sofridas pela imprensa alemã, não podia ser melhor a reabilitação. Depois que assinara o contrato, com a Sociedade de Leipzig, escrevi ao Dr. Blumenau sugerindo que esquecêssemos todas as desavenças; eu o faria se ele também o fizesse. Como fora autorizado pela Sociedade de Leipzig a adquirir terras para uma colonização primeiro de 10.000 hectares de terras no Vale do Itajaí portanto cinco vezes mais do que suas terras, pretendia adquirir o direito da compra. Pedi que aceitasse minha proposta primitiva: adquirir o título de proprietário da Velha. Pedi que entrasse em contato comigo para

um preço de compra razoável. Ainda podíamos resolver tudo amigavelmente, pois não era tarde demais.

A 20 de novembro de 1887, recebi uma carta escrita por sua esposa que dizia o seguinte:

"Meu marido rejeita, como anteriormente qualquer proposta sua e proíbe toda e qualquer correspondência futura.

### Viagem ao Sul do Brasil 1888

Obtive o direito de compra por 9 meses de 36.000 morgen de terras na região pertencente a Flores, Mafra e outras terras entre Itajaí e Blumenau a 5 marcos o Morgen. Mas os títulos de propriedade estavam só em parte em ordem e os tutores de crianças ainda menores de uma família fizeram inúmeras exigências. Por isto surgiram novas condições difíceis para resolver. A situação econômica estava agora pior na Colônia do que há um ano atrás.

O representante do Dr. Blumenau apenas me disse que recebera uma carta raivosa e escreveu entre outras que ele devido minha viagem para a Sociedade o desacetitara publicamente. Logo segui para Desterro, a Capital da Província. Com minha viagem a Desterro eu tinha dois objetivos. Primeiro queria informações do governo sobre as terras devolutas no Braço de Sul do Itajaí. Recebi informações boas que imediatamente seguiram para Leipzig, pois para futuros entendimentos faltava-me a procuração. Eram mais de 100.000 morgen. (Um relatório enviei um ano mais tarde ao Dr. Fabri para a Companhia Colonizadora de Hamburgo). Ele serviu como base para os trabalhos dos quais mais tarde surgiram as chamadas Colônias Hansa.

Em segundo lugar minha intenção era seguir para o sul onde nos limites da Província Santa Catarina, ouvira falar de terras muito produtivas com toda a normalidade de direito de compra.

Em Laguna acertei com os proprietários com toda a formalidade o direito de compra para 100.000 hectares com um preço realmente vantajoso. A opção era válida até 1.º de outubro de 1888. Documentos, desenhos e relatórios seguiram para Leipzig.

Depois desta viagem estava pron-

to para regressar à Alemanha. Em Santos já esperava o navio que deveria tomar. De volta à Alemanha encontrei meus familiares bem e em princípio do outono chegou o senhor Wilhelm Richers, de Santos, para levar nossa filha Kaethe em casamento, o que foi realizado a 10 de novembro, pois ele teria que estar de volta em dezembro. O ano de 1889 decorreu com muito trabalho e grande sucesso profissional. O ano de 1890 também decorre bem. Theresienhof estava sempre lotado. De Santos recebemos notícias que nossa filha adoecera com febre amarela. A mãe foi para cuidar da mesma e também adoeceu, mas felizmente as duas sobreviveram.

O ano de 1890 ainda trouxe mais acontecimentos importantes. Cerca de 200 passos afastado de Theresienhof encontrava-se um bonito terreno ajardinado com uma grande casa relativamente nova. Nossas 5 casas estavam lotadas e diariamente vinham novos pedidos de reserva para a primavera e verão. Sobre meu assunto referente a Blumenau eu estava tranqüilo. Meu advogado, Dr. Hentig, garantiu que tudo corria bem e que o Tribunal Brasileiro dera seu parecer a meu favor. Quando em fevereiro por ocasião de uma palestra em Berlim, procurei Dr. Hentig, e mesmo novamente me garantiu que o processo contra Dr. Blumenau seria ganho com garantia. Foi então que cometi a tolice de adquirir aquele terreno próximo a Theresienhof em leilão público e sem nenhuma entrada que ficaria acreditado a 4% contra a primeira hipoteca de 27.000 marcos. Também meu consultor, o senador Wolff, garantiu que a este preço não correria nenhum risco. Mas no contrato foi incluída uma cláusula: Se os juros vencidos no primeiro meio ano não fossem pagos após decorridos três meses, 24 horas, sem apelo, a hipoteca teria que ser desenvolvida imediatamente. O comprador responsabilizar-se-ia com seus bens pelo capital e juros. Veremos como esta cláusula um ano e meio mais tarde tornou-se um laço de força para mim.

Meu advogado não achou por bem esperar mais tempo com o processo contra o Dr. Blumenau. Não seria fácil anular o contrato e levaria anos, embora o tribunal do Brasil tinha dado ganho de causa ao meu processo e achava que eu tinha agido certo; que receberia minha indenização e seria reembolsado pelos gastos que fizera. Para dissipar qualquer dúvida fui a Berlim falar com o Dr. Hentig, que disse ser necessário uma melhor política, mas o caso estava favorável para mim devido o parecer brasileiro.

O relatório de meu advogado sobre o processo era bom. Mas depois da audiência principal, tudo soava bem diferente. O parecer brasileiro não fora reconhecido em Braunschweig e no contrato feito com Dr. Blumenau não constava nada de trapaceiro. A sentença era a acusação fora rejeitada e eu responsabilizado pelas despesas. As notícias nos jornais diziam: Stutzer perdeu o processo contra Dr. Blumenau. Em vários jornais foram publicados artigos pouco lisonjeiros contra minha pessoa e inclusive o "Berliner Tagelblatt" trouxe um assinado com "B", em que o endereço do artigo mostrava a caligrafia do Dr. Blumenau. Calei tudo e todos. Continuei as minhas conferências e palestras pela Alemanha. Tive dias de intenso trabalho no Theresienhof. O contrato com Dr. Blumenau tinha sido reconhecido. Eu perdera a questão. Com todas as novas preocupações e as inúmeras palestras pela Alemanha, o dia 5 de julho passou despercebido e eu esquecera de pagar os juros previstos no contrato. Rapidamente procurei o avalista que era um homem frio e calculista. Este homem deu apenas algumas horas de prazo para eu pagar 27.000 marcos mais os juros que já tinham vencido no dia 3 de julho. Todos os meus esforços foram inúteis em conseguir este dinheiro. Eu só possuía 2.000 marcos.

Mesmo a pedido do advogado por um prazo mais extenso este recebeu

**TEKA** É uma sigla que se impõe pelo conceito adquirido no ramo têxtil blumenauense. Seus produtos da mais alta qualidade, se destacam não só no mercado interno, como no internacional. Já é tradição os consumidores nacionais e internacionais ligarem o nome TEKA a produtos indústrias têxteis da mais alta qualidade.

apenas a resposta que dera um prazo até o anoitecer e mais nada tinha a dizer. Foi assim que perdi o Theresienhof.

Parti novamente para o Rio de Janeiro e ao chegar ao Rio recebi um telegrama da Companhia Colonizadora Hanseática com o seguinte teor: Caso Theresienhof entre em concurso, nosso contrato será considerado nulo. E por artimanhas do Dr. Blumenau o concurso ficou esclarecido.

Sem trabalho e quase sem dinheiro, encontrava-me novamente na Colônia Blumenau. Fiquei em casa de meu irmão onde fui recebido com muito carinho.

Rudolf Scheidemantel tinha razão quando aconselhou-me a de editar um novo jornal em lugar de seu "Immigrant". Nos primeiros dois dias já contava com 89 assinaturas do Boten aus dem Itajaítal (Mensageiro do Vale do Itajaí).

Jens Jensen, o Holsteiner que aqui enriqueceu, me ofereceu uma casa. Ele queria construir para os moradores do Vale do Itoupava uma Igreja logo ao lado da casa. Mas foi então que recebi um telegrama de Santos do Sr. Richers chamando-me, pois encontrara um emprego para mim. Vendi secretamente algumas peças de roupas para poder pagar a passagem. Minha esposa e minha filha também estavam prestes a chegar da Alemanha.

De Theresienhof soube que um médico de Ettlingen o adquiriu por 95.000 marcos em hasta pública. Até 1908 ainda estive em franca atividade no Brasil mas sentia que já não estava mais tão forte e depois de vender todas as minhas propriedades regresssei em maio de 1909 à Europa onde vivíamos como nômades na Inglaterra, Alemanha e Suíça."

(Tradução: Edith S. Eimer)

## AUTORES CATARINENSES

Enéas Athanázio

Comentando o livro "Meu amigo Hélio Bruma", de minha autoria (O 14.º publicado), o escritor e crítico paulista LUZ E SILVA escreveu o artigo que a seguir transcrevo para que aqueles que me dão a alegria de ler o que escrevo conheçam a opinião de um grande conhecedor da atual literatura brasileira. Eis o que diz:

"A verdade da trajetória humana encontra-se por trás de tudo, mas, enquanto isso, cabe ao homem realizar suas opções. Ai ele se revela, com sua personalidade se concretizando em meio às contradições de seu tempo. Quanto a Enéas Athanázio isso mesmo se deu. Em toda sua carreira, mesmo na juventude não publicada, a literatura foi sua grande causa na vida e a ela se ligou não apenas intelectual como também emocionalmente. Os homens que vivem a vida a sério costumam ser assim. Seus desígnios estão um pouco além da poeira da banalidade.

Ao lado de sua brilhante carreira como contista, Enéas Athanázio soube construir, paralelamente, uma outra como percuente analista das coisas literárias. Nesse campo sua preferência se exerceu como uma função do próprio temperamento. Observe-se que seus melhores trabalhos são aqueles



Foram expostos e debatidos amplamente os mais variados temas, desde temas como o universo lingüístico e o contexto social, a metodologia do ensino do português, o processo de criação do conto, a ficção científica, a redação, os processos de nominalização em língua portuguesa, a cultura após 64, o teatro, o romance policial, música popular, a ficção do fantástico, a literatura catarinense, a criação poética, o professor e sua visão do mundo, a redação em grupo, a epigrafia latino-lusa e a nova reforma ortográfica.

Os temas variados despertaram grande interesse e foram vivamente debatidos. Esperamos que o congresso se torne numa tradição cultural do Estado.

Está em circulação mais um número da revista "Contos & Poemas", órgão cultural da CEPEC (Florianópolis), com matéria variada e de diversos autores, e a folha literária "Arcadi", publicada na cidade de Mafra, encabeçada por Cleide Jussara Muller Pereja e Divinair de Oliveira Pinto, contendo poesias e crônicas de autores da região.

Está circulando também mais um número do boletim do "Arquivo Histórico de Joinville", contendo interessantes matérias de sua especialidade, merecendo destaque a carta publicada pelos passageiros do navio de imigrantes "Voktoria" em protesto contra as péssimas acomodações e alimentação a bordo, em viagem que custou a vida de 51 pessoas. É um relato de arrepiar os cabelos.

É impressionante a enxurrada de poetas que vem sendo publicada. É poema em livro, livreto, plaqueta, folheto, sanfona, folha avulsa, cartão postal, etc. etc. É poema rimado e sem rima, longo e curto, aberto e hermético, micro, mini, com ilustração ou sem ela.

Isso me lembra que o escritor Antônio Torres, nos idos de 1918, deparando-se com situação semelhante, propunha a criação de um "Gabinete de Profilaxia e Extinção de Poetas", anexo à Chefia de Polícia, e "destinado a catrafilar todo indivíduo que, tendo mais de vinte e cinco anos de idade, tivesse o desaforo de fazer um soneto amoroso".

É claro que não subscrevo a sugestão, apenas lembrada aqui como curiosidade, mas que a quantidade de poetas assusta, é fora de dúvida.

É curioso anotar ainda que entre tantos livros de poemas ultimamente aparecidos encontram-se "Inventário", "Partilhas" e "Testamento". Para incluir essa parte do direito das sucessões, resta apenas surgir alguma obra denominada "Do sepultamento".

A carta que recebi do Senhor Licurgo Costa dará o que falar na coluna do próximo número desta Revista, pois esta já se encontrava concluída quando chegou a missiva.

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

*Banespa*

— Um dos colaboradores nas edições desta revista —

# SÃO JOAQUIM E A POESIA REGIONALISTA

José Gonçalves

É com satisfação que registramos o recebimento do livro do poeta joaquinese já falecido, Jair Aguiar Nunes, uma das maiores expressões da poesia regionalista do planalto serrano, "PO-TREIRO DA SAUDADE".

Dentro da série de capítulos versando sobre a história de São Joaquim, que estamos publicando nesta revista, de autoria da brilhante e esforçada historiadora Maria Nercolini, é oportuno apresentarmos um dos muitos e belos poemas de Jair Aguiar Nunes, contidos no citado livro.

A apresentação do livro está a cargo de Antonio Huger Nunes, o qual, dentre outras considerações em que destaca a figura inigualável do moço Jair. diz: "Ninguém busque nas páginas seguintes, o poeta da forma perfeita, o literato culto de linguagem escoreita. Não. Nem isso pretendia o seu autor. O que encontraremos por certo, é, o vibrante cantor de sua terra, de seu povo, de seus costumes e tradições. O intérprete perfeito da natureza, que em momento algum pode se dissociar do verdadeiro gaúcho".

Por sua vez, o próprio autor, na introdução de seu livro, escreve sob o título "Conversa ao pé do fogo", considerações as mais admiráveis e que ressalta o grande apego que ele possuía pelas tradições de sua terra e sua preocupação na preservação destas mesmas tradições que, estamos certos, se não tivesse falecido tão jovem, teria sido um dos mais ferrenhos e atuantes preservadores.

Vejamos o que diz Aguiar Nunes

nas considerações que antecedem os seus poemas:

"Até há pouco em 1962, com a fundação do Centro de Tradições Gaúchas — Minuano Catarinense — influência da vizinhança do Estado do Rio Grande do Sul, poucos se interessavam em buscar a fundo as nossas raízes folclóricas, mas aqueles que o fizeram, chegaram às mesmas conclusões das pesquisas feitas por estudiosos do Rio Grande do Sul, que servem de alicerce à nossa Tradição no que diz respeito aos usos e costumes dos povoadores destes rincões quase na sua totalidade de origem portuguesa e espanhola, e que, no nosso caso, pela divisão dos tipos folclóricos, são chamados de Serranos.

Mas até aqui, muito pouco foi feito, para que a posteridade tomasse conhecimento, por meio de impressos, do que atualmente se faz e se pratica, na região serrana catarinense e em especial São Joaquim. Nem é a minha intenção fazê-lo, e se nesta introdução digo isto é apenas para esclarecer as minhas raízes, e porque o faço.

Jamais me ocorreu a idéia de ser poeta, e ao editar estas rimas, faço-o movido pelo sentimento que existe dentro de mim mais forte do que eu mesmo, ou talvez pela vontade que tenho de fazer alguma coisa benéfica pela minha terra, e nunca por vaidade pessoal ou em busca de aplausos, não merecidos, por certo.

Entretanto, se alguma utilidade se achar nesta obra, que os méritos sejam dados aos tradicio-

nalistas, ao povo Joaquinense e a este torrão, por quem tenho o mais profundo respeito, grande vontade de servir e a maior certeza de amar”.

Como se observa, a humilda-

de e a modéstia foram características deste autor, mas o seu grande valor já se faz presente no primeiro poema do livro, que tem o título de saudade. Vejamos:

“Mui triste a chaleira preta  
A carreta muito arisca  
Isqueiro antigo de faisca  
Vão as botas de garrão  
As tralhas de redomão  
Vai o churrasco, as fazendas  
Vai o vestido de prenda  
Vai o amargo chimarrão.

Segue a tropa devagar  
Vai devagar pra o passado  
Pouco a pouco a ser trocado  
Pelos coisas modernistas  
Vão até perder de vistas  
Estes trastes de valor  
Seguem pelo corredor  
As coisas tradicionalistas.

E eu vejo um NENÊ ALFERES  
Sentindo este fim amargo  
Vejo um tal BRASA CAMARGO  
Em frente a tropa atacando  
EUCLIDES PALMA RIMANDO  
Sobre as coisas do rincão  
Vejo a xucra tradição  
Pouco a pouco terminando

Vejo ainda muitos outros  
Ajudando na jornada  
Mas a tropa pela estrada  
For louca fatalidade  
E mesmo contra a vontade  
Lá na curva vai sumindo  
E faz a gente ir sentindo  
Que a tropa deixou saudade.”

---

## Cartas

“Blumenau, 6 de agosto de 1987

Caro Sr. José Gonçalves

Quero parabenizá-lo pelas últimas edições da Revista “Blumenau em Cadernos”. O alto nível dos estudos apresentados revela estímulo ao pesquisador barriga-verde, bem como a atualidade dos temas voltados à preservação cultural de cada sociedade. Entretanto, a historiografia só tem novo alento porque sua Fundação “Casa Dr. Blumenau” está muito bem organizada.

Atenciosamente

Aloisius Carlos Lauth

Museu Arqu. Dom Joaquim — Brusque”

**CIA. HERING** O pioneirismo da indústria têxtil blumenauense e a marca dos dois peixinhos, estão integrados na própria história da colonização de Blumenau e o conceito que desfruta no mundo todo é fruto de trabalho e perseverança em busca do aprimoramento de qualidade.

## ARQUIVO ENRIQUECIDO

### Discos da antiga PRC-4, doados à Fundação "Casa Dr. Blumenau"

Aproximadamente 8 mil discos dos anos 30, 40 e 50, pertencentes à antiga "PRC-4", atual Rádio Clube de Blumenau, foram transferidos ao Arquivo Histórico Municipal "Prof. José Ferreira da Silva", da Fundação "Casa Dr. Blumenau", para serem limpos, separados e catalogados, ficando à disposição do público consulente após o término desta tarefa. A discoteca é de valor inestimável, pois representa um acervo de discos que hoje não mais são encontrados no comércio musical.

A coleção de discos, em sua maioria com 78 RPM, será alvo de pesquisa dos colecionadores, amantes dos intérpretes de expressão da nossa música popular brasileira. A próxima etapa será adquirir um toca-discos adequado para fazer funcionar os discos existentes.

Uma equipe de funcionários fez a limpeza mecânica do acervo, e ao mesmo tempo, classifica cada elepê por título da música, autor(es), gravadora e época da gravação. Os trabalhos de recuperação devem durar até fins de 1987, segundo previsão da equipe que está cuidando de resgatar o passado musical da "PRC-4".

A "PRC-4", surgiu por volta de 1932, por intermédio do rádio-amador João Medeiros Júnior. Em 1935 era realizado um concurso público para saber o nome da rádio: "Rádio Cultura de Blumenau". Também nesta mesma época, houve uma reunião para a constituição definitiva da sociedade, com a eleição da diretoria, leitura dos estatutos etc.

Nos idos de 1927, Medeiros pensava na estação irradiadora para Blumenau. Em 1929, inaugurou-se um serviço de auto-falantes e uma pequena discoteca. No final de 1931, o governo federal liberava a importação do transmissor "Collins", de 150 Watts, com o qual foram iniciadas as transmissões em caráter experimental. Com este transmissor, a estação funcionou até 1934, quando adquiriu outro com potência maior, um Phillips holandês de 500 Watts.

A Rádio Clube de Blumenau é uma das primeiras estações de rádio brasileiras, sendo considerada a "pioneira" no Estado de Santa Catarina e a segunda estação do Sul do País, em termos de antiguidade e que ainda hoje encontra-se em pleno funcionamento.

---

## A BIBLIOTECA AGRADECE

É com a maior satisfação que registramos mais uma valiosa coleção de livros destinados à Biblioteca "Dr. Fritz Müller", da Fundação "Casa Dr. Blumenau".

Trata-se da doação de nada menos do que 224 livros dos mais conceituados autores nacionais e internacionais, versando sobre diversas modalidades da literatura, muito do agrado do público leitor.

A doação foi feita pelo nosso leitor Luiz Carlos de Oliveira, a quem manifestamos, através deste registro, os profundos agradecimentos da nossa instituição.

# *Histórico da cidade de São Joaquim e os costumes de seu povo*

Maria Batista Nercolini

## 6º. Capítulo

### **POLÍTICA**

Após o seu desmembramento do município de Lages, dois grandes partidos políticos nortearam os destinos de São Joaquim. O Liberal e o Conservador. Muitas foram as lutas na defesa de seus ideais, entretanto os partidos eram formados por homens que eram amigos particulares, havendo sempre respeito entre todos.

Partido Conservador, o partido que sempre esteve no poder, derrotando o seu adversário em todos os prêmios em que se defrontavam. Era Chefe supremo desta agremiação o Cel. João da Silva Ribeiro, continuando ainda à frente da mesma depois do advento da República, já com a denominação de Partido Republicano.

Homem de raras qualidades de coração magnânimo e de caráter íntegro, Cel. João da Silva Ribeiro, era chamado para dirimir contendas tanto neste, como no Município de Lages. E as questões que lhe entregavam eram resolvidas a contento dos interessados. O prestígio de seu nome atravessou mesmo as fronteiras da Região Serrana, projetando-se na política nacional, quando disputou com Alfredo d'Escragno Taunay, uma cadeira de Senador no Império, por quem foi deslocação por 123 votos. (Vide biografia, Dicionário Político Catarinense).

ESTADO DE SANTA CATARINA  
SECRETARIA DA JUSTIÇA  
Arquivo Público

### **CERTIDÃO**

Certifico para os devidos fins e efeitos que, a pedido do interessado, consultamos e encontramos, no livro Registro de Patentes dos Oficiais da Guarda Nacional, datado 1882/1897, fls. 34f. e 34v., o seguinte Registro de Patente do Sr. João da Silva Ribeiro, como segue: "Patente do Tenente-Coronel João da Silva Ribeiro, Comandante

Superior da Guarda Nacional das Comarcas de Lages a Coritibanos, para o posto de Coronel. Dom Pedro por graça de Deus e Unânime Acclamação dos Povos, Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brazil. Faço saber aos que esta Minha Carta Patente virem que hei por bem Nomear o Tenente-Coronel João da Silva Ribeiro para o posto de Coronel Commandante Superior da Guarda Nacional das Comarcas de Lages a Coritibanos, na Província de Santa Catharina, e como tal gozará de todas as honras, privilégios, liberdades, isenções e franquezas que diretamente lhe pertencerem. Pelo que mando à Autoridade competente que lhe dê posse depois de prestar o devido juramento, e o deixe servir e exercer o dito Posto, aos officiaes Superiores que o tenham e reconheção por tal, honrem e estimem, e a todos os seu subalternos que lhe obedeçam e guardem suas ordens, no que tocar ao Serviço Nacional e Imperial, tão fielmente como devem e são obrigados. Em firmeza do que, lhe mandei passar a presente Carta por Mim assignada, que se cumprirá como nella contém, depois de sellada com o sello grande das Armas do Império. Dada no Palácio do Rio de Janeiro, em vinte e dois de Setembro de mil oito centos oitenta e oito, sexagésimo sétimo da Independência e do Império. = Imperador com Rubrica e Guarda = Antonio Ferreira Vianna = Carta pela qual Vossa Magestade Há por bem Nomear o Tenente-Coronel João da Silva Ribeiro para o posto de Coronel Commandante Superior da Guarda Nacional das Comarcas de Lages a Coritibanos, na Província de Santa Catharina, como acima se declara. Para Vossa Magestade Imperial Ver = Bento José Victorino de Barros a fez. = Por Decreto de 8 de Agosto de 1888 e Despacho do Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Justiça. = Registrada à fls. 126v do livro 13 de Patentes. =

Secretaria de Estado dos Negócios da Justiça, em 29 de setembro de 1888. Bento José Victorino de Barros = N.º 202 = 378\$0rs. Pagou trezentos e sessenta mil réis de selo e dezoito mil réis de taxa adicional de 5%. Alfândega do Desterro, 9 de Novembro de 1888. = Silveira Junior. = Firmino Costa = Cumpra-se e registra-se. Palácio da Presidência de Santa Catharina, 9 de Novembro de 1888. = Fausto.

Por ser verdade eu, Iaponan Soares de Araujo assino e dou fé.

Florianópolis, 25 de março de 1886.

Iaponan Soares de Araujo  
P/Diretor

Ao Cel. João da Silva Ribeiro, succedeu na chefia do Partido Conservador, Cel. Marcos Batista de Souza.

A este, cujo nome consta na ata da fundação da cidade e de outros documentos, succedeu o Cel. Fortunato Henrique de Oliveira, o tronco da numerosa e destemida família Fortunato Oliveira, estancieiro, em São Sebastião do Arvoredo. (Biografia, apresentaremos no último capítulo, dedicado ao nosso querido Rincão).

O Cel. Cesario Joaquim do Amarante, personagem que São Joaquim, jamais pagará seu débito, essa figura, inteligente, honesta pacífica, governou nossa comunidade pelo longo espaço de 28 anos, seus vencimentos eram devolvidos ao Poder Municipal, conforme nota no jornal Região Serrana de 1899. Era genro de João da Silva Ribeiro. (Biografia em vultos ilustres). Partido Liberal — era chefe desse partido, que depois passou a denominar-se Federalista, o Coronel Manoel Cavalheiro do Amaral, homem esclarecido e de largo círculo de amizade. Seus sucessores na chefia do Partido os coronéis Bento Cavalheiro do Amaral, Genovêncio da Silva Mattos, Manoel Saturnino de Souza e Oliveira e Antonio Palhano de Jesus, dignos sãojoaquinenses que muito trabalharam e fizeram pelo engrandecimento de nossa terra.

Apresentamos a ata de instalação de seu primeiro Diretório, por ser de valor para a história de São Joaquim.

“Aos vinte e quatro dias do mês de novembro de mil oitocentos e setenta e dois, nesta freguesia de S. Joaquim da Costa da Serra, no lugar

denominado Fazenda das Palmas, presentes os membros do Diretório Provisório do mesmo partido, composto do Presidente, o sr. Maurício José Pereira da Silva, e o alferes Bento Cavalheiro do Amaral, e o sargento Joaquim da Silva Matos e presentes os mais correligionários, os senhores José Zeferino de Matos, Mael Maria de Sousa, Manoel Cavalheiro do Amaral, João Cavalheiro do Amaral, Antônio Cavalheiro do Amaral Tota, Inácio Cavalheiro do Amaral, Francisco Alz da Rocha; Tomaz Antônio de Sousa, Mael Francisco Guimes, Núncio de Sousa Ribeiro, Je. Per<sup>a</sup> Serrano, Joaquim Cavalheiro do Amaral; procedeu-se a eleição dos membros que devem compor o Diretório Efetivo desta freguesia, e recaiu a eleição para presidente no sr. Maurício Jo. Per<sup>a</sup> da Silva; para vice-presidente o sr. Joaquim Cavalheiro do Amaral; para presidente honorário, Alferes Bento Cavalheiro do Amaral; para secretário o sr. Joaquim da Silva Matos; para vice-secretário, o sr. João Cavalheiro do Amaral; para membros efetivos, o sr. José Zeferino de Matos e o sr. Manoel Maria de Sousa, Manoel Francisco Gumes, e Manoel Cavalheiro do Amaral Tota, e Tomaz Antônio de Sousa, para com eles ter lugar a reunião do mesmo Diretório, em qualquer ocasião que necessário seja. Além dos efetivos, declaramos mais os conselheiros que fazem parte deste Diretório, para na falta de qualquer um dos efetivos ser suprida com estes, a saber, é compreendido primeiramente o vice-presidente, e presidente honorário, e secretário que presente estiver para com estes preencher o número, e na falta de qualquer um destes pode ser chamado qualquer dos conselheiros, e, declaramos mais que não estiveram presentes os conselheiros Tenente Antônio José Alves de Sá, e Pedro Borges do Amaral e Melo, e Antônio Caetano Pereira do Amaral, com quanto tivessem sido oficiado em data de dois do corrente para o comparecimento hoje no presente lugar, e cuja falta houvessem participação alguma e os srs. Antônio Rabelo Flores, e Generoso Alves Guimarães e Salvador Roiz de Marafigo deixaram de comparacerem por estado de moléstia como fizeram ciente ao presente Diretório. Declaramos mais que a-baixo de-

clara-se os Conselheiros que a este Diretório pertence. Os srs. Inácio Cavalheiro do Amaral, Francisco Alves da Rocha, Núncio da Silva Ribeiro, Francisco Je. Pereira Serrano, Generoso Alves Guimarães, Salvador Roiz de Marafigo, Aureliano José Pereira de Andrade, Cândido Antônio da Silva Santos, Vitoriano Antônio de Sousa, Manoel José da Silva Matos, Cândido José da Silva, João Pereira de Camargo, Tte. Antônio José Alz. de Sá, João Madeira Fernandes, Manoel Lourenço de Lima, Antônio Lourenço de Lima, Francisco Barbosa, Pedro Borges do Amaral e Melo, Antônio Rabelo Flores, Antônio Caitano Pereira do Amaral. O que por não ter mais que deliberar lavrou-se a presente Ata, na qual assinaram-se os empregados efetivos, e mais membros presentes. (Ass.) Maurício José Pereira da Silva, Jm. Cavalheiro do Amaral, Bento Cavalheiro do Amaral, Joaquim da Silva Matos, João Cavalheiro do Amaral, Arrogo de José Zeferino de Matos por não saber escrever, João Cavalheiro do Amaral, Manoel Maria de Sousa, Manoel Cavalheiro do Amaral, arrogo de Francisco Guimes. por não saber ler nem escrever, Manoel Cavalheiro do Amaral, Arrogo de Tomaz Antônio de Sousa, por não saber ler nem escrever, Jm. Cavalheiro do Amaral, Antônio do Amaral Tota".

Pesquisa e cópia da ata da monografia do "Professor Enedino Batista Ribeiro" 1941.

E assim sucederam-se os partidos com outras siglas, como poderemos observar na ata de 1929.

Pesquisa feita por Sebastião de Souza Vieira

#### POLÍTICA

Uma ata histórica: Aos dez dias do mês de junho do ano de 1929, nesta cidade de São Joaquim da Costa Serra, no Hotel Familiar, pelas dez horas da manhã, presentes os correli-

gionários abaixo assinados, assumiu a presidência da reunião a Caravana do Partido Liberal Catarinense, filiado ao Partido Democrático Nacional, composta do Dr. Nereu Ramos, Acadêmico Davydoff Lessa, José Francisco Glava e Domingos Silva, sendo os três primeiros do Diretório Central do Partido. Na presidência do Dr. Nereu Ramos, explicou que o fim de Assembléia era a fundação do Partido Liberal Catarinense, neste Município e a consequente eleição por voto secreto do Diretório Central do Município. Explicou ainda que além do Diretório Central haveria nos distritos, os Diretórios distritais.

De acordo com as deliberações prévias ficou assentado que o Diretório se comporia de 11 membros, cabendo a cada membro a escolha de um suplente para suas faltas ou impedimentos. Procedendo a eleição, verificou-se terem sido eleitos por maioria de votos os seguintes correligionários: Major Jacintho Goulart, Tenente Coronel Genovêncio da Silva Mattos, Saturnino Nunes, Augusto Pires Ferraz, Anacleto Thomaz de Souza, Sebastião Batista Ribeiro, José Paulino de Souza, Dr. Armando Ramos de Carvalho, José Caetano Machado, José Vieira da Rosa e Antonio Palma.

Pelos representantes do Diretório Central foi proposto o nome do Cel. Ignácio Palma para Presidente de Honra do Diretório Municipal, o que foi aceito sob vibrante palmas o que se verificou também logo que foi proclamada a eleição do Diretório Municipal.

Pelo Presidente, depois de declarar fundado o Partido, congratulou-se com todos os correligionários por este auspicioso acontecimento político de larga repercussão no Município e no Estado.

Com a palavra o Dr. Armando Carvalho, produziu notável oração de saudação à Caravana Liberal, que respondeu por intermédio do acadêmico Davydoff Lessa. Lida e achada conforme vai assinada pelos correligionários presentes. (ass) Nereu Ramos, Davydoff Lessa, Hipólito da Silva Mat-

**E. A. V. CATARINENSE** Acha-se integrada na história do pioneirismo dos transportes coletivos em SC

tos, João Fermino Nunes, Deodoro Machado, José Feliciano Pereira, Hilario Bleyer, Leonel Palma, José Palma, Antonio Palma, João Palma, José Vieira da Rosa, Genovêncio da Silva Mattos, José Caetano Pereira Machado, Cesar Martorano e Aristides Bathche.

Viam-se ainda muitas outras assinaturas de políticos militantes na época.

Em 1987 partidos: PDS Partido Democrático Social, pelo qual foi eleito nosso Prefeito Dr. Prudente Can-

dido da Silva Filho. 4 vereadores. PMDB, Partido Movimento Democrático Brasileiro — 4 vereadores; FFL, Partido Frente Liberal — 1 vereador. (Continua política no próximo n.º)

#### ERRATA:

No número anterior, à página 226, leia-se: É casado com Alice Costa. Tratamos de Benigno Dutra.

No número anterior, à página 228, leia-se: José Silveira Batalha — São Joaquim.

## Arquivo Histórico valiosa fonte de pesquisa

O Arquivo Histórico "Professor José Ferreira da Silva", vinculado à Fundação "Casa Dr. Blumenau", tem como tarefa primordial proteger documentos importantes do passado, com descrições que facilitem o acesso a este patrimônio público, de acordo com as necessidades da comunidade e pesquisadores. O trabalho desenvolvido envolve traduções de jornais antigos, controle de arquivos do Poder Público, custódia de documentos familiares, além de auxiliar nas pesquisas que futuramente serão envolvidas por meio de monografias e teses de mestrado nas universidades ou em sua forma final, o livro. Durante o bimestre de maio a junho, foram preparados para microfilmagem 10 volumes de periódicos editados em língua alemã.

O Setor de "Arquivística" levantou e identificou o acervo recebido do Departamento de Cultura do Município, no período entre 1976 a 1985. Foi feito também o processamento técnico do Conjunto de obras públicas e os projetos arquitetônicos dos anos 1938 a 1946.

A tradutora Edith Sophia Eimer traduziu oito cadernos e folhas avulsas de artigos que estão sendo mensalmente publicados nesta revista. Estes artigos foram traduzidos dos periódicos "Blumenauer-Zeitung" e "Der Urwaldsbote", que circularam no período entre 1920 a 1938 e mais o volume dez, "Das Munizip Blumenau", de autoria de José Deeke.

No citado bimestre foram realizadas 42 pesquisas. Os temas que envolveram as mesmas estão relacionados com aspectos históricos, sociais, econômicos, políticos, culturais e esportivos da região. O acervo fotográfico composto de aproximadamente dez mil fotografias é constantemente utilizado pela imprensa, televisão e historiadores.

As pesquisas de instituições que foram feitas no Arquivo Histórico são: "Influência da Artex na Comunidade Escolar da Escola Básica Izoete Müller", monografia de autoria de Josefina Hellmann, de Itajai, Fepevi; "História de Blumenau na primeira metade do Século 20", de Maria Luiza Renaux Hering, Furb, para ser publicado; e "Relações Raciais em Blumenau: Estudo de uma comunidade negra", tese de mestrado de Vera Item Teixeira, da UFSC.

Os periódicos preparados para microfilmagem são: "Kolonie, Haus und Hof" (1911 a 1920); "Die Schnauze" (1929 a 1936); "Die Gurke" (1934 a 1935) e o "Der Hansabote" (1904 a 1913).

## FIGURA DO PASSADO

José Gonçalves

Com a idade de 87 anos, faleceu no dia 14 de junho passado o sr Carlos Koffke, uma das figuras mais tradicionais do comércio de Blumenau.

Um dos primeiros empregos que Carlos Koffke ocupou, a partir de 1919, foi no comércio, numa casa comercial de Timbó. Em 1922, deixou o emprego para servir ao exército, por ter sido sorteado, tendo sido incorporado ao Batalhão de Caçadores em Florianópolis. Em 1923 deu baixa, passando a ocupar emprego na firma Zierhold, no ano de 1923. Em 1926, foi admitido como sócio da firma, na qual continuou até 1927.

No ano de 1929, a 23 de outubro, Carlos Koffke iniciou atividades por conta própria, instalando seu comércio numa casa situada à rua 15 de Novembro, em frente à casa hoje ainda ocupada pela Distribuidora Catarinense de Tecidos. Aquela casa em que Carlos Koffke se instalou, foi mais tarde adquirida pela firma Breitkopf & Cia.

Depois de alguns anos de atividade em casa alugada, Carlos Koffke adquiriu o prédio em que encontrava-se o Hotel Brasil, fazendo ali alguns melhoramentos e alterações para que servisse como casa comercial.

O Hotel Brasil situava-se ao lado do antigo Teatro Frohsinn, hoje o prédio da CELESC. Logo após haver adquirido o prédio do Hotel Brasil, Carlos Koffke mandou elaborar um projeto para a construção de um prédio que fosse ligado ao que então ocupava, levando a construção até



Carlos Koffke

a esquina da rua 15 de Novembro com a Alameda Duque de Caxias e aonde hoje está sendo ocupado pela CETIL.

O novo prédio então construído na esquina, foi inaugurado em 1943, passando então o sr. Carlos Koffke a desenvolver ampliada atividade comercial, tornando-se a Casa Carlos Koffke uma das mais conceituadas e poderosas casas comerciais daquela época em Blumenau.

A atividade de Carlos Koffke desenvolveu-se até o ano de 1972, quando encerrou seu trabalho, passando a um descanso merecido.

Carlos Koffke nasceu a 6 de janeiro de 1888, na localidade de Carijós, município de Indaial e era neto de imigrantes que colonizaram esta região.

Ao falecer, Carlos Koffke deixou viúva sua esposa dona Alma Koffke, nascida Schroeder e natural de Pomerode.



Prédio construído por Carlos Koffke, na esquina da rua XV com a Alameda Duque de Caxias, no qual possuiu sua casa de comércio até o encerramento de suas atividades.

---

## A HISTÓRIA DE BLUMENAU NA CORRESPONDÊNCIA DOS IMIGRANTES

“Lichtenburg, 9 de novembro de 1853.

Querida Marie e fiel Emilie!

Quase não teria tempo para escrever a vocês nesta remessa postal, mas imaginando como fi-

cariam tristes em não receber notícias, resolvi escrever. Vocês nem sabem como um jovem corpo pode ser martirizado por trabalho pesado. Hermann, no entanto, compreenderá bem esta si-

tuação e certamente desculpará meu silêncio. Em verdade nem sei o que há de interessante para escrever, pois escrever sempre a respeito dos delicados colibris e dos macacos, com o tempo torna-se monótono. Todos os meus conhecimentos esgotaram-se nas 3 cartas anteriores e só terei nova motivação se vocês formularem perguntas.

Escrevi desta vez igualmente para Kamblys, Viboerus, Hallbauer e Adolph Baumgarten e espero receber dentro em breve resposta. Vocês moças, com certeza viajaram bastante este ano e eu espero que tenham realizado os planos que fizeram quando ainda estava com vocês. Na próxima carta quero saber pormenores. A notícia do noivado de August com Sophie Kachy recebi por intermédio de Seckendorg. Fiquei muito contente e surpreso. Como está Albert e sua bonita noiva? Como vai Sophie Helmbrecht? Ainda está com vocês? Eu gostaria de lhe ter escrito, mas receio infringir o código da boa educação. Se eu já transgredi estas leis, perdoem-me. Devem saber que um demônio da floresta brasileira já esqueceu um pouco as boas maneiras. Se eu receber algumas palavras dela responderei alegre e satisfeito. E se ainda não é noiva e não casou, mandem-na com Nahrwold para cá. Dêem a ela lembranças minhas e transmitam este meu pedido. Já escrevi a seu pai anteriormente. Espero que ainda resida em Westerlinde.

Os Mansteds vocês devem ter

encontrado freqüentemente este verão e passado horas agradáveis com eles.

Como vai Eugenie e seus irmãos? Considero-os muito. As horas que passei com eles foram alegres e felizes. Como vai a família Kellner? Ainda tem muitos pensionistas? Ainda tem professor particular? E Sophie, já casou? Como está Allersheim, Wolfenbüttel e Branschweig? São inúmeras perguntas que terão que responder na próxima carta.

Será que este ano acontecerão tantos bailes como no ano passado? Quatro bailes já é um acontecimento. Na próxima vez, quando entrarem num salão e vocês forem requisitadas pelos cavalheiros então lembrem-se um pouco de mim. Eu que gostaria tanto de estar entre vocês, olhar para as lindas moças e girar pelo salão com elas! Tenham certeza de que eu sinto muita falta desta vida social. Lembranças a todos os amigos e amigas e a estas últimas digam que em 4 ou 5 anos estarei presente a um baile.

Agora vou perguntar uma coisa que talvez vão estranhar e achar graça, mas quero que respondam com sinceridade. Se eu dentro de 4 ou 5 anos voltar à Alemanha, como homem bem situado, será que encontrarei uma boa moça que queira acompanhar-me para este mundo selvagem e agressivo? Uma moça disposta a esquecer as alegrias que a Alemanha oferece? Sejam francas; o meu gosto vocês conhecem. Será que encontrarei alguém? Caso vo-

**LOJAS HERING S.A.** Representa não só o espírito empreendedor como também solicitude, educação e sociabilidade que caracterizam tão bem a tradicional formação da gente blumenauense.

cês saibam de alguém digam-no; mas se tem dúvidas então terei que aproveitar uma boa oportunidade aqui. Está anunciada a vinda de um grupo de bonitas e bem situadas moças de Thüringen com o próximo navio. Quem sabe...! Mas quero esperar primeiro a resposta de vocês; se esta for negativa será lamentável. Eu sentiria muito, pois isto faria com que dificilmente eu voltasse outra vez à Alemanha, porque uma vez casado, uma viagem tão longa se tornaria pesada. Principalmente se Nahrwold vier solteiro, um de nós terá que morder a

maçã azeda. Uma propriedade como a nossa sem uma mulher nada vale.

Agora minhas queridas irmãs recebam um abraço e Deus as proteja. Estejam alegres neste inverno e festejem felizes o natal. Fundem também este ano chumbo por mim e procurem decifrar meu destino. Lembranças a todos os amigos e amigas e recebam um beijo deste irmão que os quer muito

Julius Baumgarten

Lembranças em especial a Teichmann.

(Tradução de Edith S. Eimer)

Mais contatos entre

WOLFSBURG e BLUMENAU

Wolfsburg, a cidade alemã "sede mundial da VW" — não muito distante de Braunschweig — há tempo mantém contatos culturais e laços de amizade com a cidade de Blumenau. Publicamos aqui uma carta do Prof. Dr. Peter Lamberg, "Oberstadtdirektor" (prefeito administrativo) de Wolfsburg, dirigida ao senhor Alfredo Wilhelm — correspondente em idioma alemão do prefeito Dr. Daíto dos Reis:

"Wolfsburg, 23 de junho de 87.

Prezado Senhor Wilhelm!

O meu "muito obrigado" pela remessa do exemplar da FOLHA CATARINENSE, onde a sua "página alemã" publicou um artigo retratando a cidade de Wolfsburg. Os contatos entre cidadãos de Braunschweig, respectivamente de Wolfsburg e blumenauenses continuam:

Vários estudantes de medicina, colegas do meu filho Joerg, gostariam de assistir (como voluntários) a médicos junto a um hospital blumenauense. — Por outro lado, há meses, o meu filho recebeu a visita dos irmãos Claudia e Armando Miessner, que em Heidelberg, respectivamente em Schwaebisch-Hall, estudam no "Goetheinstitut" a língua alemã. Em breve espero também uma visita por parte da família Hering — um neto do nosso amigo Ingo Hering.

Em cerimônia festiva, marcada para o dia 5 de julho de 1988, a nossa cidade — em conjunto com a "Volkswagenwerk" — comemorará os 50 anos de sua existência. Para este evento está sendo preparada também uma grande exposição sobre o desenvolvimento arquitetônico e sociológico da cidade.

Prezado senhor Wilhelm — gostaríamos muito de cumprimentá-lo por este motivo aqui em Wolfsburg, e, muito nos honraria, se o prefeito também pudesse participar do nosso jubileu. — Por todo o tempo de sua estadia em nossa cidade — evidentemente — os senhores seriam hóspedes oficiais da cidade de Wolfsburg.

Com respeito aos pormenores, gostaria de falar com o senhor pelo telefone.

Com os meus cumprimentos — também para sua distinta esposa —

atenciosamente

**Prof. Dr. Peter Lamberg”.**

N. da R. — A bandeira da cidade de Wolfsburg, faz parte do acervo de 36 bandeiras de cidades alemãs existente na Fundação “Casa Dr. Blumenau”. Cada uma delas é hasteada em dias seguidos em frente ao prédio da instituição, como homenagem àquelas cidades que mantém relações de amizade com Blumenau.

---

## Aconteceu...

Julho de 1987

---

— DIA 2 — Com um bem organizado programa, festejou-se em Blumenau o DIA MUNDIAL DO BOMBEIRO.

\* \*

— DIA 2 — O casal Carl Schneider e dona Waltrudes, reuniu sua numerosa família, em sua residência em Itoupava Central, para festejar, com muita alegria e gratidão ao Criador, o transcurso de seus 68 (sessenta e oito) anos de feliz consórcio.

\* \*

— DIA 4 — A Assessoria Especial do Meio Ambiente da Prefeitura de Blumenau promoveu, como parte das comemorações da Semana Nacional do Meio Ambiente, um importante acampamento ecológico no parque botânico do Morro do Baú. A saída dos participantes deu-se sábado às 7:30 e o retorno domingo às 17 horas. Numerosas pessoas participaram da excursão.

\* \*

— DIA 6 — Tendo como local o Arquivo do Estado, foi aberta a VI Semana “Sérgio Buarque de Holanda”, trazendo como tema “Escravos e Libertos”, com diversos conferencistas.

— DIA 9 — A Orquestra de Câmara de Blumenau realizou concorrida noite de música no Teatro Alvaro de Carvalho.

\* \*

— DIA 10 — Com expressiva solenidade, o prefeito Dalto dos Reis inaugurou, às 19 horas, a IV Festa do Imigrante e a III Expolar, cujo ato teve numerosa presença. O evento ocupou os três pavilhões da PROEB.

\* \*

— DIA 10 — Para assistir a IV Festa do Imigrante e a III Expolar e, ainda, para rever Blumenau e amigos que aqui possui, chegou a esta cidade, acompanhada de sua mãe e do marido, Juta Blumenau, bisneta do fundador da cidade e procedente de Berlim Ocidental.

\* \*

— DIA 10 — Alcançou o mais completo sucesso a apresentação, pela Orquestra de Câmara do Teatro Carlos Gomes, do espetáculo cultural com programa elaborado para homenagear o saudoso maestro Villa-Lobos. O acontecimento teve o apoio da firma Hermes Macedo S/A., que comemorou, assim, os seus 35 anos de instalação da filial de Blumenau.

\* \*

— DIA 11 — Em homenagem ao bairro Garcia, o Departamento de Cultura da Prefeitura de Blumenau promoveu, no ginásio do Colégio Celso Ramos, o popular e apreciado show "Blumenália", com a participação de diversos grupos artísticos e com grande sucesso artístico e de frequência.

\* \*

— DIA 11 — No bairro da Velha, o prefeito Dalto dos Reis presidiu a solenidade de entrega de mais três salas de aula na Escola Básica Municipal "Zulma Souza da Silva", melhorando sensivelmente as condições daquele importante educandário municipal.

\* \*

— DIA 13 — Relatório entregue pelo Serviço Municipal de Trânsito ao prefeito Dalto dos Reis, informa que foram registrados, no mês de junho, 293 acidentes de trânsito, nos quais estiveram envolvidos 528 veículos, numa média diária de 9,7 acidentes. Além dos danos materiais e feridos, quatro pessoas morreram. De acordo ainda com o relatório, já aconteceram em Blumenau, no primeiro semestre deste ano, 1.846 acidentes, com 15 mortes, contra 2.000 ocorrências e 23 mortes em igual período de 1986.

**KARSTEN** Mais de cem anos conceituando a indústria têxtil blumenauense e gerando divisas para o país pela volumosa exportação de produtos da mais alta qualidade.

— DIA 13 — Um violento temporal seguido de chuva de granizo cuja maior quantidade atingiu até meio quilo, causou total desastre na população, com o destelhamento e até destruição de centenas de residências nas cidades de Garopaba, Imbituba, Laguna e seus arredores.

\* \*

— DIA 15 — A artista plástica Ivânia Batista Ferreira apresentou, em exposição, jóias por ela criadas com a utilização de borracha, pedras, pérolas, rendas, metais, lã e couro. A exposição deu-se no Vapor Blumenau I.

\* \*

— DIA 18 — Promovido pelo Foto Clube de Santa Catarina e contando com o apoio do Departamento de Cultura da Prefeitura de Blumenau, foi montada, na Galeria Municipal de Arte, a exposição Foto Cine Clube Gaúcho.

\* \*

— DIA 27 — No "Castelinho", da PROEB, foi feito o lançamento do I Festival Universitário do Teatro de Blumenau, um evento que reuniu 20 grupos de cinco regiões brasileiras.

\* \*

— DIA 27 — Pelo reitor da FURB, prof. José Tafner, foi aberto, na FURB, o V Simpósio Sul Brasileiro de Ensino de Ciências, que reuniu cerca de 3.000 pessoas, entre professores e estudantes, durante os quatro dias de sua duração.

---

## VOCÊ SABIA?

— QUE o jornal "A Nação", jornal blumenauense fundado por Honorato Tomelin e cuja primeira edição saiu dia 29 de maio de 1943, circulou durante 37 anos e um mês, encerrando suas atividades, quando já pertencia aos "Diários Associados", em 27 de junho de 1980?

— QUE NO DIA 6 de junho de 1943, a Sociedade Esportiva Blumenauense, atual Olímpico, derrotou seu maior rival no campeonato citadino, o Amazonas, por 7 a 3? — As duas equipes atuaram com a seguinte constituição: Blumenauense: Waldir, Artur e Arcio; Fiska, Heine e Generoso; Ico, Willy, Bodinho, Pie e Abreu. Amazonas: Nelson, Tierra e Custódio; Vitória, Cina e Teresa; Tute, Boia, Mijojo, Paulinho e Bruda.

— QUE no dia 28 de junho de 1943, foi constituída a sub-comissão Municipal Executiva da propaganda das Obrigações de Guerra em Blumenau e que ficou assim constituída: Presidente, Dr. Afonso Rabe, prefeito municipal; Dr. José Ribeiro de Carvalho, promotor público; Luiz da Silva Miranda, gerente do Banco do Brasil; Ernesto Stodiek, industrial e Roberto Grossebacher. Para secretário foi escolhido o radialista e jornalista Manoel Pereira Júnior, diretor de publicidade da PRC-4.

## XX ENCONTRO ESTADUAL DOS MAÇONS

A partir de sexta-feira, dia 21 de agosto corrente, teve início o XX Encontro Catarinense de Maçons, com o qual comemorou-se festivamente o DIA DO MAÇOM, que ocorre sempre dia 20 de agosto de cada ano.

A finalidade do Encontro, que acontece todos os anos em cidades diferentes do Estado, é, principalmente, a do conagraçamento das famílias maçônicas, já que do mesmo participam a quase totalidade das esposas dos maçons. Além disso, é a oportunidade para reforçar, entre os maçons, o propósito de cumprir com as suas finalidades junto à sociedade em geral, no sentido de preservar a força moral, os bons costumes, primando pela rígida educação do povo no sentido fraterno e cívico.

A partir das 18 horas de sexta-feira, tiveram início as inscrições dos que iam chegando de várias cidades catarinenses. Às 20 horas, todos os inscritos foram recepcionados no pavilhão "A" da PROEB com um coquetel (salgadinhos e chopp), iniciando-se, então, o conagraçamento de todos, com o reencontro de maçons vindos do norte, do sul, do oeste e do leste.

No sábado, dia 22, cerca de 800 pessoas, entre homens e mulheres, encontraram-se novamente a partir das 10 horas da manhã, no pavilhão da PROEB, para participar de um almoço de conagraçamento, — uma succulenta feijoada, muito bem servida e organizada. A festa prosseguiu, sob o incentivo musical da orquestra "Os Vilanenses", até as últimas horas da tarde.

Ainda sábado à noite, a partir das 19:30 horas, realizou-se o ato solene do encontro, quando todos compareceram ao Teatro Carlos Gomes, em cujo local, com a presença de autoridades civis e militares de Blumenau e do Estado, foi desenvolvido um bellissimo programa cultural e cívico, ornamentado pela presença inclusive do coral CAMERATA VOCALE. Houve ritualística, palestras e saudação ao pavilhão nacional.

Após a realização da sessão branca solene, todos se dirigiram para a sede da Associação Artex, no bairro Garcia, aonde realizou-se, sob a mais entusiástica confraternização, o grande banquete de gala, seguido de animadissimo baile que terminou só nas últimas horas da madrugada de domingo, animado pela orquestra "Magnatas".

No domingo, a partir das 10 horas da manhã, os maçons e esposas voltaram a encontrar-se no pavilhão "A" da PROEB, para um almoço de despedida, aonde foi servido uma seleção de pratos típicos de origem alemã, com o agrado geral. O almoço foi regado a chopp, e animado pela orquestra "Os Vilanenses".

A partir das 15 horas, começou a despedida dos que teriam que retornar às suas cidades. Tudo ocorreu com as maiores manifestações de alegria e amizade que une todos os maçons deste Estado, pertencentes às 43 lojas que existem nas cidades catarinenses.

Na oportunidade da despedida, o Grão-Mestre da Grande Loja de Santa Catarina, James Berlin, anunciou as cidades que patrocinarão os próximos encontros dos maçons e que serão, Joinville em 1988 e Criciúma, em 1989.

# FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

## São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

## A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

Conselho Curador Presidente — *Afonso Rabe*; vice-presidente — *Antonio Pedro Nunes*.

Membros: *Elimar Baumgarten* — *Rolf Ehlke* — *Nestor Seára Heusi* — *Ingo Wolfgang Hering* — *Martinho Bruning* — *Urda Alice Klueger* — *Frederico Blaul* — *Frederico Kilian* — *Olivo Pedron*.

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS" E A HERING TÊM MUITO EM COMUM. ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS VALORES DA NOSSA GENTE.



**Cia. Hering**  
BLUMENAU - SANTA CATARINA